

# ILUSTRACÃO

## POPULAR

CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETRAS

PROPRIETARIO—HUMBERTO S. PINTO

CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222—LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FERAS

PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1.000 RÉIS—CADA N.º 20 RÉIS

---

ANNO 4.º | LISBOA, 13 DE NOVEMBRO DE 1884 | NUMERO 20

### CHRONICA DA SEMANA

SUMMARIO—O nosso padroado no Oriente—Ocholera em Paris  
A conferencia de Narcizo Feyo

**D**ECIDIDAMENTE, o padroado portuguez no Oriente váe suscitar uma questão gravissima de politica internacional, porque a santa sê recusa-se a prorogar o breve das faculdades especiaes, concedidas ao arcebispo de Gôa, fundamentando a recuza na incuria do nosso governo em prover as dioceses, que temos vagas no vasto padroado do Oriente.

A curia romana ha muito, que procura cercar os nossos direitos e ha mais tempo ainda que os nossos governos, por um desleixo imperdoavel, têm contribuido para as difficuldades da conjuntura actual, tanto mais grave quanto é certo, que a Inglaterra se nega a reconhecer a jurisdicção do arcebispo de Gôa sobre as egrejas catholicas da India ingleza.

À ultima hora, quando o perigo está imminente, é que o governo tracta de obter a prorrogação dos poderes do breve, sob promessa de prover as dioceses, vagas ha tanto tempo, n'aquellas vastas regiões.

Não é facil prever a solução d'este negocio e como elle representa para nós uma importantissima questão, aguardamos o ultimatum das



MULHER DO SOGN (NORUEGA)

negociações pendentes com a curia romana, para depois as apreciarmos.

×

A capital da França está a braços com a invasão do cholera, que se propaga n'aquella immensa população, de uma maneira assustadora, attendendo ás energicas providencias, com que se tenta soste-lhe a marcha e circumscrever a morticida influencia.

Não é necessario encarecer o perigo, porque infelizmente elle impõe-se por si mesmo, para recommendar ao governo a adopção de todas as providencias, que nos possam pôr ao abrigo do terrivel flagello.

Não basta, porém, que a auctoridade vele pela saúde publica, é necessario que cada um contribua para esse fim, mantendo um escrupuloso rigor hygienico nas suas habitações, auxiliando assim os esforços officiaes e tornando communs as deligencias para conseguir-se a nossa immundade ou pelo menos attenuar os effeitos da epidemia, se ella apparecer entre nós.

Confiamos inteiramente na solicitude do governo, que já garantiu pelo seu procedimento anterior, a confiança que n'elle deposita o paiz: mas não devemos confiar na benignidade da quadra, em que vamos entrar, porque o exemplo de Pariz mostra claramente que o perigo existe e que podemos ser invadidos de um momento para o outro, se não cuidarmos de lançar mão de todos os meios para nos pôrmos ao abrigo da acção mortifera do terrivel flagello.

Estabeleçam-se as quarentenas com todo o rigor, amiudem-se as visitas sanitarias, preparem-se os hospitaes barracas, e tomem-se todas as providencias, que forem necessarias para o caso de não poder evitar-se a invasão da epidemia.

×

Nas salas do *Commercio de Portugal*, realison-se a conferencia de Narcizo Feye, ácerca da colonia, que elle se propõe fundar nas margens do Zaire, para o que invocou a protecção official e o auxilio do paiz.

O illustre conferente, diante de um auditorio numeroso e selecto, expoz com lucidez o seu pensamento e advogou com enthusiasmo a sua causa, que é sympathica, que tem encontrado adeptos e que é uma affirmação brilhante dos seus sentimentos patrioticos.

Folgamos de registar este facto e de termos occasião de significar ao patriotico iniciador de tão levantada ideia o alto conceito, em que te-

mos a sua elevada intelligencia e a sua heroica coragem.

Nestes tempos de assignalado egoismo, em que cada qual cuida unicamente dos seus interesses pessoais, são para admirar actos de abnegação e provas de civismo, como as que acaba de dar Narcizo Feye.

O governo deve, pois, auxiliar e proteger a colonia tão auspiciosamente inaugurada, não só para que ella possa realizar completamente as aspirações do seu iniciador, mas para que seja exemplo e estimulo a outras dedicações, como as que se evidenciaram ao appello d'esse mancebo, que para servir o seu paiz e engrandecer a sua patria, não tem duvida de trocar os ocios da corte pelas luctas do deserto.

Nós desejavamos que a subscrição, aberta em todo o reino, fosse tão prospera que correspondesse á eloquencia, com que foi invocada a generosidade nacional.

Mas, francamente, não confiamos n'esse meio, porque é tal a decadencia moral d'este povo, que não comprehende a necessidade de reconquistar a sua perdida gloria, salvando do aviltamento, em que jazem as nossas colonias, esses vastos dominios, aonde o valor de nossos paes e a coragem de nossos avós, levaram a civilização e as quinas.



## DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura representa uma mulher do Sogn, provincia da Noruega.

Os Noruegueses são robustos, animados, fortes, simples, hospitaes e affaveis. Na Noruega pouca differença se encontra nos costumes e usos das diversas classes da sociedade.

Os costumes são verdadeiramente democraticos, o aldeão é o que representa o principal papel nos negocios do paiz. A *dieta* do povo impõe a sua vontade ao governo.

Ha uma coisa notavel n'este paiz, segundo a opinião de M. de Saint-Blaise no seu livro de viagens nos Estados scandinavos. É a pouca sociabilidade que ha entre os dois sexos. O Noruegues casa-se ordinariamente antes dos 25 annos e os noivos separam-se immediatamente depois das refeições e por isso ambos gosam da maxima liberdade.

As mulheres usam trajas muito pittorescos e são geralmente bonitas e elegantes.

X

A nossa segunda gravura representa uma cabana de Ostiaks.

Os Ostiaks pertencem ao grupo septentrional dos povos Finnezes, cujo dialecto conservam.

Vivem nas margens do Obi e entregam-se á caça e á pesca e são idolatras e ignorantes.

Madame Ève Felinska, exilada na Siberia, visitou as cabanas dos Ostiaks, mas escreve ella nas suas memorias, que não podia demorar-se lá mais que alguns instantes, taes eram os miasmas putridos, que allí se respiravam.

Os Ostiaks cobrem a pelle com uma camada de gordura, por cima da qual põem uma pelle de rangifer. O peixe e a caça são a sua alimentação ordinaria, mas de tempos a tempos veem a Berezer com grandes baldes, feitos de cascas de arvores, apanhar os restos desprezados de comidas, que elles sofregamente devoram, como se fossem um delicioso manjar.

X

Os chinezes são povos industriosos, e considerados sob esse ponto de vista são realmente distinctos em algumas das suas industrias manuaes, que representam notabilissimos trabalhos de habilidade e paciencia, e mostram a que grau poderia chegar a sua aptidão se a sciencia moderna lhes fosse guia.

A nossa terceira gravura reproduz um navio chinéz.

Ha milhares de annos que elles descobriram a manufactura das velas das embarcações, feitas de bocados de tela, ligados entre si por leves hastes de madeira afim de lhes augmentar a solidez e a duração.

No porto de Sang-Hai pôde o viajante admirar a variedade de construcções navaes, que possui a China e algumas tão sólidas e bem desenhadas, que não invejam as mais bem lançadas da Europa.

X

A nossa ultima gravura representa os *chamans* ou os padres yakutes.

Os *yakutes* professam o *chamanismo*, religião idolatra, seguida pelos insulares do oceano pacífico.

Os chamanistas adoram um ser supremo, creador do mundo, mas indifferente ás acções humanas.

Inferiormente a elle ha deuses machos e femeas, uns bons e que presidem ao governo do mundo e á sorte do genero humano; outros maus e dos quaes o maior (Chaitan, Satanaz) é

reputado, quasi tão poderoso como o Ser Supremo.

Os padres representados na nossa gravura são os ministros d'esse culto barbaro, cheio de ridiculas ceremonias e de atrozes sortilegios.



## ALBUM

### AS ONDAS

Sentado na praia d'arcias brilhantes,  
cu vi o buliço das ondas além;  
em ternos murmurios, suaves, constantes,  
minh'alma em tristeza deixavam tambem.

E eu disse fallando: O' ondas, choremos,  
e vossos lamentos carpi com os meus,  
não sei vossas maguas, mas juntos levemos  
sentidos queixumes ao throno de Deus.

E logo rolando no vasto elemento  
fizeram mais tristes seus eccos sem fim;  
e eu languido a ouvil-os, a cada momento,  
maguados suspiros lançava de mim.

O' ondas dos mares, se eu morro d'amores,  
que mystico enlevo, que doce emoção;  
a vaga harmonia dos vossos clamores  
casada co' as penas do meu coração!

Que affaveis enleios, tão magos, nascidos  
das gelidas aguas ao brando gemer!  
Relavam as ondas... por terra cahidos  
ficavam meus prantos em fio a correr.

Gemiã as ondas, e os prantos se viram  
cair abundantes ao som de meus ais.  
Só fundos amores ao chão não cairam,  
nem dentro em meu peito morreram jámais.

E digam ás ondas, que cessem agora  
seus fleveis rumores no eterno lidar!  
E digam-me ao peito, que affagos implora,  
que nunca mais lute co' infindo pezar!

Ai, não: nem os mares se ficam dormentes,  
nem dentro d'esta alma, reffluxos d'amor.  
Casaram-se um dia; seus brados pungentes  
são hymnos sagrados aos pés do Senhor.

Sattam. DR. MANUEL FERREIRA DA PORTELLA.



## CARTEIRA UTIL

### CLARIFICAÇÃO E DEPURAÇÃO DAS AGUAS

**A**S AGUAS podem ser impuras ou em virtude de materias que se conservam em suspensão ou em virtude de substancias organicas em decomposição.

No primeiro caso as aguas são clarificadas pela precipitação produzida no estado de repou-

so ou pela separação por meio de reagentes ou pela filtração através das moléculas de certos e determinados corpos.

No segundo caso depuram-se as águas por meio da filtração, empregando outras substâncias e especialmente o carvão.

Na primeira hypothese, o meio mais simples para clarificar a água é deitá-la em grandes depósitos e deixá-la ahí por longo espaço de tempo, até que ella deposite pelo repouso todas as substâncias estranhas, que contenha.



CABANA D'OSTIAKS

Este meio é geralmente adoptado, mas tem os seguintes inconvenientes:

A depuração pelo repouso operase tão lentamente, que exige grandes despesas e, além d'isso, se as matérias, que tornam as águas impuras, têm a origem de substâncias orgánicas, o repouso colloca a água dos reservatórios nas condições das águas estagnadas.

Essas substâncias soffrem diversos graus de decomposição e d'ahi resulta necessariamente uma alteração, mais ou menos, sensível da água e sobre tudo uma falta do exigénio, que se distrahiu na decomposição d'essas substâncias. Por este meio não pôde, pois, obter-se água bem limpa, ainda mesmo que se dê a essa operação o mais largo praso de tempo: e por isso se recorre ao emprego de certos saes que, por uma du-

pla decomposição com os saes contidos na água, formam outros saes de um peso específico assaz consideravel para se depositarem rapidamente e arrastarem consigo as matérias em suspensão. Mas este meio exige uns certos cuidados e por isso deve usar-se com precaução.

O sulfato de potassa, ou de amoníaco, ou o alumen pode ser empregado para esse fim, porque opera com rapidez a separação das matérias estranhas, que existem no estado de suspensão nas águas.

Não foi ainda explicado claramente o modo como opera o alumen, mas a experiencia tem demonstrado que se em um hectolitro d'água turva se deitam tres ou quatro grammas de alumen a água rapidamente se torna limpa.

Compreende-se que os elementos, que por este processo são introduzidos na água, são em tão pequena proporção que não podem tornar-se prejudiciaes nos usos ordinarios.

Este meio, porém, está pouco divulgado e a filtração é o processo adoptado de preferéncia, porque satisfaz ao fim, sem ter o mais pequeno inconveniente.

E já que estamos tractando d'este assumpto indicamos aos nossos leitores a conveniencia de adquirirem uns filtros magníficos e economicos, que se encontram á venda no deposito da fabrica de louça de Sacavem, na rua da Prata, onde os compradores, a par da barateza dos preços, acham a delicadeza e a seriedade que caracterizam os empregados d'aquelle notabilissimo estabelecimento.

## HISTORIA DE PARIS

Resumo da história e desenvolvimento da capital de França desde os tempos mais remotos até aos nossos dias

VERSÃO DO FRANCEZ DE ROGERIO DE VILLAMAIOR

IV

Os primeiros Capetos

**H**UGO CAPETO quiz residir em Paris. O palacio da *Cité* tornou-se a morada real, e o soberano transformou uma parte d'este palacio em igreja, que se chamou S. Bartholomeu, e que a revolução de 1789 demoliu. Jaz na

abbadia de S. Diniz, onde, mais de sessenta reis, de França, deviam tambem reduzir-se a cinzas.

Seu filho Roberto, o Piedoso, mandou reparar e acabar o palacio da *Cité*. A igreja de S. Nicolau, capella situada no recinto do palacio da justiça, foi construida por sua ordem; tambem mandou reedificar S. Germano l'Auxerrois, incendiada pelos Normandos.

No reinado de Henrique I, apenas houve a reconstrucção do mosteiro de S. Martinho dos Campos (hoje *Conservatorio das Artes e Officios*.)

Dois concilios se reuniram: um em 1050, outro em 1053. No tempo de Philippe I, principe quasi estranho aos acontecimentos do seu tempo, estabeleceu-se em Paris uma instituição nova e importante: o *prebostado*. O preboste de Paris, residia no Châtelet, e tinha a seu cargo o governo politico e financeiro da cidade e representava a pessoa do rei «em materia de justiça.» Os prebostes foram os successores dos antigos viscondes. Nesta mesma época, Pedro, o Eremita, prégava a primeira cruzada; tres mil homens seguiram-n'o, mas nem um só voltou. Entretanto Paris estendia-se pelas duas margens do Sena e o seu recinto foi fortificado. Luiz, o Gordo, dizem, mandou construir o grande e o pequeno Châtelet, que devia defender a entrada da *Cité*. Os parisienses obtiveram d'este rei alguns privilegios importantes.

Em 1108 apenas existiam quatro escolas superiores e publicas: a da abbadia de S. Genoveva, a de S. Germano dos Prados, a de S. Germano l'Auxerrois, e a grande escola da cathedral. Abailard veiu a Paris para fundar uma escola, que contou mais de tres mil alumnos.

Foi obrigado a deixar a cidade, onde os seus successos lhe produziram bastantes inimigos, dirigindo-se a Parvins. Depois fundou o *Paraclete*, perto de Nogent-sur-Seine, e com os destroços do qual se construiu o tumulo, que encerra o seu corpo e o de Heloisa, no cemiterio de Père-La-Chaise.

(Continúa.)

## MINIATURAS

ISAAC NEWTON

ESTE ILLUSTRE sabio inglez nasceu em 1642 em Woolstrop, perto de Grantham, condado de Lincoln, e é considerado como o primeiro dos mathematicos, dos physicos e dos astronomicos.

Sua mãe destinava-o para administrador das suas propriedades, mas reconhecendo a seu gos.



NAVIO CHINEZ

to pela mechanica e pela mathematica, deixou-o seguir livremente as suas inclinações.

Matriculou-se em 1660 na universidade de Cambridge e teve por professor de mathematica Barrow, ao qual excedeu, e antes dos 23 annos tinha feito as suas mais importantes descobertas, a do *binomio*, que ainda hoje se chama binomio de Newton, e a do *calculo infinitesimal*.

Em 1665 deixou Cambridge e dirigiu-se a Woolstrop e foi aqui, que vendo cahir uma pera concebeu a ideia da gravitação universal e do systema do mundo.

Newton morreu em 1727, na idade de 85 annos.

Os principaes florões da sua corôa genial

são: 1.º decomposição da luz e descoberta das principaes leis de optica; 2.º conhecimento da gravitação universal, propriedade em virtude da qual todos os corpos se attrahem na razão directa das suas massas e inversa do quadrado das distancias. Explicou ao mesmo tempo, só com esta lei, o movimento dos planetas em redor do sol, e da lua à roda da terra, a marcha dos cometas e o fluxo e refluxo das marés.

ROGERIO DE VILLAMAIOR.

## REVISTA DOS THEATROS

**O**RUY BLAS tão anciosamente esperado pelos admiradores do grande poeta francez e pelos apreciadores das qualidades artisticas, que distinguem a *élite* dos actores nacionaes, grupados na companhia, que funciona em D. Maria, ficou muito abaixo das esperanças e da expectativa do publico, apesar das louvaminhas de uns certos criticos, que levam a sua cortezia até ao ponto de serem lisongeiros, no que prejudicam, a nosso vêr, consideravelmente, aquelles que elles desejam beneficiar.

A companhia de D. Maria tem tão levantados creditos no mundo artistico, que não carece de ser bajulada; mas por isso mesmo é maior a sua responsabilidade e maiores as exigencias do publico.

O *Ruy Blas*, apesar da egide do nome de Victor Hugo, apesar dos creditos do mavioso poeta, traductor, Bulhão Pato, apesar de ter por interpretes Brazão e os Rozas, Virginia e Falco, Joaquim de Almeida e Antonio Pedro, apesar de um scenario esplendido e de uma *mise-en-scene* cuidada e esculpida, cahiu para nunca mais levantar-se, não sendo todavia facil fazer o diagnostico, estabelecer a genese e explicar as causas, que determinaram essa derrocada, a que em noites successivas tem assistido o publico em D. Maria.

O drama é mau?

Parece que não, porque a critica considera-o uma das joias do diadema litterario de Victor Hugo.

A traducção é inferior ao merecimento do original?

Parece que não, porque Bulhão Pato é intelligente bastante para comprehender o mestre e assaz consciencioso para não deturpar o sentido e muito artista para deixar de burilar o verso.

Os actores, que se encarregaram da interpretação, não poderam vencer as difficuldades d'essa empreza?

Parece que sim, porque sendo a peça optima e a traducção boa, o mau exito é fatalmente attribuido ao desempenho e, no caso sujeito, a logica, apesar da severidade da conclusão, é justa, embora não seja equitativa, attendendo aos precedentes gloriosos dos artistas, que essa conclusão vae ferir tão cruelmente.

A verdade é esta. O *Ruy Blas* demanda um criterio especial, que não pôde ser adquirido no acanhadissimo meio, em que vivem os nossos artistas, embora elles tenham, como têm alguns d'elles, muito talento, muito saber e uma reconhecida aptidão para aquella difficilissima arte.

É forçoso confessar, que a empreza pôz todos os seus cuidados n'esta peça, e não se poupou a despesas, para apresental-a com o esplendor, que exige o *Ruy Blas*; mas tudo isso não bastou para salvá-la, porque a interpretação ficou muito aquém do pensamento do auctor, embora algumas scenas sejam bem comprehendidas e algumas phrases ditas com propriedade.

Falta no desempenho a homogeneidade de comprehensão, a noção exacta da época, que se reproduz, e o perfeito conhecimento historico do meio, em que se desdobram as scenas d'esse drama, concebido pelo genio de Victor Hugo com a maxima elevação e desenvolvido com o mais esculpido cuidado.

Antonio Pedro, por exemplo, não deu attenção alguma ao character do personagem, em que se incarnou, e por isso este distinctissimo actor, cujo talento tem sido tantas vezes evidenciado, nos apparece no *Ruy-Blas* tão inferior ao seu merecimento, que se sente desprazer em vê-lo abaixo do seu merecimento real.

Joaquim d'Almeida tambem naufragou nos escolhos do drama de Victor Hugo.

Virginia, uma actriz de tanto talento, como illustração, não se sente bem n'aquella atmospheria de uma côrte que ella forcejou por adivinhar, mas não conseguiu comprehender, porque o drama historico não se improvisa e demanda alguma cousa mais do que talento, exige um estudo especial, que não é facil fazer-se e é muito difficil conseguir-se.

Brazão e os Rozas foram mais felizes, mas não lograram salvar a peça, que exige a responsabilidade collectiva para se poderem apreciar todas as suas bellezas.

A nossa opinião não é uma censura á com-

panhia do theatro normal, pela qual temos a maxima consideração, que é devida a artistas tão conspicuos, como são os que a compõem.

Julgamos que não foi feliz a escolha da peça pelas difficuldades, que ella offercece na sua interpretação, e como estamos habituados a vêr n'aquella sala o desempenho correcto de peças de grande folego, por isso estranhámos as incorrecções que se dão no *Ruy Blas*, cuja execução é inferior ao merito dos talentosos artistas, que se propozeram pô-lo em scena.

Quem viu e ouviu a *Sociedade onde a gente se aborrece*, quem assistiu à *Odette*, quem se entusiasmou com a *Fedora*, quem admirou a perseverança, com que foram vencidas as difficuldades do *Othelo*, tinha direito a esperar mais do desempenho do *Ruy Blas* e justificados motivos para não ver desmentida a expectativa de um exito notavel.

Este nosso modo de apreciar não é unico. O illustrado critico theatral do *Correio da Noite*, com a independencia de caracter e com a proficiencia, que o distinguem, tambem censurou a execução do *Ruy Blas*, e essa apreciação, sendo tão insuspeita como a nossa, vale comtudo mais pela auctoridade do nome de quem a escreveu.

## POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

(Continuado do numero antecedente)

**D**ECIDIDAMENTE, Williams, a sua logica é irresponsivel e portanto, em vez de discutir, limitar-me-hei a escutal-o. Continue, pois. Tinhamos ficado no ponto em que uma mulher, totalmente velada, tinha entrado para o vapôr, deixando-lhe a supposição de ser nova pela elegancia do andar e de ser bella pela correcção dos contornos.

—E não me tinha enganado, replicou sir Williams, levantando-se para accender um charuto. Quando ella se desembaraçou das *cachemires* e das rendas, achei-me diante de uma mulher seductora, da qual não faço o retrato, porque o sr. conhece-a.

—Eu? disse o capitão de estado maior admirado.

—Sim, o sr., que tanto a admirou esta noite.

—Na Opera?

—Exactamente.

—Então é a marquez de Sandoval?

—Em pessoa.

—Ella viajava só?

—Não, ia acompanhada por duas creadas.

—E o cunhado?

—Já vamos fallar d'elle, deixe-me continuar.

Quando me encontrei com ella no vapor de Colonia, não sabia quem era, e essa circumstancia pouco importava para um homem, que procurava matar o tempo à espera da hora da morte. Achei realmente a viajante bonita, mas limitei-me a essa simples observação e continuei a fumar, no tombadilho. A hora de largar bateu, as rodas da machina pozeram-se em movimento e depressa nos achamos no meio do rio. Eramos sete, a bordo, e, não contando as suas creadas, ella era a unica mulher. Dos cinco viajantes quatro eram das margens do Rheno, uns d'esses bravos allemães, de que tanto se gaba a lucidez do pensamento, quando devia gabar-se a espessura do tecido adiposo d'esses descendentes da antiga Germania, os quaes se cotisam para comprehender um dito de espirito, ao qual só acham graça no dia seguinte, quando chegam a comprehendel-o.

O outro era um seu compatriota, Roberto, se um caxeiro viajante pôde ser compatriota de um homem tão galante como o sr. Esse sujeito, que fallava muito, cantava, passeiava, interrompia a conversação dos outros, incommodando-os para lhes pedir fogo para accender o seu cigarro, declarava aos creados de mesa, que era agente de uma casa commercial franceza, olhando para as mulheres, como se essa declaração fosse para ellas uma carta de recommendação.

Desço a estas minudencias para que o sr. me não julgue fatuo, quando lhe disser que tive dô da gentil viajante, reflectindo que ella estava condemnada a um silencio absoluto, a não ser que conversasse com as suas creadas.

Os allemães fumavam e bebiam na sala de meza. O caxeiro deu muitas voltas em redor da viajante, mas destacava-se d'ella um tal perfume aristocratico, que o pobre diabo bateu em retirada, assestando as suas baterias para as creadas, as quaes estava habituado a vêr capitular.

A consequencia d'esta reflexão, foi atirar eu o charuto ao rio e de chapêu na mão, aproximar-me da cadeira, em que estava sentada a marquez e dizer-lhe:

—Senhora, desculpe a minha ousadia, mas as condições especiaes, em que viajamos, auctorisam o meu atrevimento. Consinta, pois, v. ex.ª

que eu lhe offereça os meus serviços no caso de querer dar-me a honra de utilizar-se d'elles. Este pequeno canto do vapor, que v. ex.<sup>a</sup> escolheu, representa para mim o seu salão de receber. Se eu transpозesse o limiar um creado annunciaria o nome do visitante, consinta portanto, que eu me apresente a mim mesmo e dizendo o meu nome espere da sua extrema delicadeza a honra de ser recebido.

Dizendo isto, apresentei á encantadora viajante o meu bilhete de vizita.

Ella leu, sem acceitar o bilhete, e levantando a formosa cabeça disse:

— Mylord, o senhor deve conhecer o nome de Sandoval—e olhou-me fixamente.

— Sem duvida alguma, que conheço, respondi eu um pouco confuso, tive a honra de ser amigo intimo de uma alta personagem, que usava esse titulo.

— O duque Francisco de Sandoval?

— Precisamente, senhora.

— Conheceram-se no Brazil, não é verdade?

— No Rio de Janeiro. Mas permita-me v. ex.<sup>a</sup> que eu satisfaça a minha curiosidade de saber a causa...

— Das minhas perguntas? Vae já sabel-a. O seu nome, mylord, é-me perfeitamente conhecido, assim como a sua infatigavel paixão de viajar, e attendendo a isso, se eu estivesse effectivamente em minha casa e fosse annunciado o nome de v. ex.<sup>a</sup>, as portas do meu salão seriam immediatamente abertas de par em par.

— E a quem devia eu essa honra?

— Á amisade que meu marido tinha por v. ex.<sup>a</sup>:

— O marido de v. ex.<sup>a</sup>?

— Sim. Eu sou a marquiza de Sandoval.

— A mulher de D. Francisco? exclamei eu.

(Continúa).



CHAMANS OU PADRES YAKOUTES

## PASSATEMPO

### CHARADAS

Se o leitor me visse um dia,  
Com as pernas para o ar;  
Por certo que se riria  
D'este meu modo d'andar.— 1

Pois esta lembrança rara,  
— É-me forçoso confessal-a:  
É só permitida á Sarah,  
Por ser mulher do Damala.— 1

Eu cá, o conceito escuso,  
P'ra evitar mais massadas;  
E, mesmo dizem ser uso,  
Fazer com elle as charadas.

Vizeu. O PEQUENO ANTONINHO.

RETRIBUIÇÃO AO PRECLARO CHARADISTA  
CUSTODIO SILVA

(Premio, o retrato do auctor a quem primeiro lhe enviar  
a decifração com o nome proprio)

Não tenho meu charadista,  
O gosto nem o prazer,  
De por hoje conhecer,  
Um tão gentil polemista — 2.

Mas, mais tarde, camarada,  
Se o vir assim n'esta lucta;  
Receberá por conducta  
A patente d'anspeçada — 2.

E, assim, sempre amiguinhos,  
Trocando a miudo fallas;  
Seremos qual outro Pallas,  
— Nos escabrosos caminhos.

Vizeu. O PEQUENO ANTONINHO.

Typ. da Empresa Litteraria Luso Brazileira— Lisboa  
3—PATEO DO ALJUBE—3